



*Heidegger:*  
A questão da verdade do Ser  
e sua incidência no conjunto de seu pensamento



Promoção do Programa de Pós-graduação em Filosofia



## 7ª COMUNICAÇÃO

### A ATUALIDADE DA *GESTELL* HEIDEGGERIANA OU A ALEGORIA DO ARMAZÉM

Prof. Dr. Edgar Lyra  
Filosofia/PUC-Rio

#### 1. A precariedade da nomeação da essência da técnica contemporânea

É bastante conhecida a denominação dada por Heidegger à essência da técnica moderna: *Gestell*.<sup>1</sup> Menos disseminada é a precariedade – ainda que igualmente enfatizada pelo autor – da correspondência que essa palavra estabelece com o “estado de coisas” que através dela se põe em questão.

Heidegger chega a discutir a arbitrariedade e a extravagância linguística envolvidas na escolha do termo. Como Platão em sua nomeação do *eidos*, da *ideia*, os pensadores seriam convidados a extravagâncias “precisamente nas situações em que têm de pensar o mais elevado” (Heidegger, 1954, p.27).<sup>2</sup> Heidegger esclarece ainda em *A questão da técnica*: “Nós, tardiamente nascidos, já não temos condição de avaliar o significado da aventura de Platão ao utilizar a palavra *eidos* para dizer a essência de tudo e de cada coisa” (Idem, p.23). Acrescenta que, “comparado com o que Platão pretende da língua e do pensamento” (Ibidem), o uso que faz da palavra *Gestell* é quase inocente; consente, não obstante, que a nomeação estaria sujeita a mal-entendidos. Assinale-se que essa “violência” faz-se necessária num momento posterior às suas promessas de atenção à linguagem presentes em *Sobre o Humanismo* (cf. Heidegger, 1956, p.47) – o que sugere um caráter especialmente desafiador da questão da técnica em meio às outras de que Heidegger então se ocupava.

<sup>1</sup> O termo aparece também separado por hífen: *Ge-stell*. A razão disso e a opção por não traduzir o termo serão apresentadas ao longo do texto.

<sup>2</sup> São minhas todas as traduções dos textos de Heidegger aqui citados.

A comparação precisa, de qualquer modo, ser redimensionada: enquanto Platão pretendeu com sua *ideia* referir-se ao ser dos entes em geral, Heidegger propôs-se a pensar, valendo-se da *Gestell*, nada menos que o modo historicamente mais recente do seu vir-a-ser, em outras e variadas palavras, seu aspecto “epocal”, suas atualidades e potências, sua plasticidade e velocidade de transformação, enfim, seus imperativos histórico-ontológicos, tudo isso reunido numa “essência” – a essência da técnica. Vê-se que a empresa nada deixa a dever à platônica, sendo mesmo provável que o deslocamento linguístico em epígrafe – ainda que Heidegger com isso não concorde – também lhe corresponda, ou mesmo suplante em magnitude.

Seja como for, as traduções do termo *Gestell* não poderiam escapar – e não por culpa dos tradutores – das dificuldades inerentes aos propósitos de Heidegger. Encontramos em português: *armação, composição, enquadramento, arazoamento, imposição, instalação, dispositivo*, cada uma dessas soluções com seu *parti pris*, cada uma delas parcialmente indicativa do campo de significados aberto pelo esforço de Heidegger, já foi dito, assumidamente precário, de pensar a técnica como destino do Ser.

\*

O que pretendo neste trabalho é, sobretudo, chamar atenção para a magnitude da tarefa à qual a nomeação da essência da técnica moderna como *Gestell* convida. Dois grandes movimentos o estruturam.

Serão primeiro recuperadas as indicações dadas pelo autor nos três textos que concentram a discussão, quais sejam: *A Questão da Técnica*, de 1953 (ponto de partida e fio condutor das explicitações); aquele que 4 anos antes lhe serviu de base, a conferência proferida pela primeira vez em 1949, em Bremen, com o preciso título de *Das Ge-stell* (ainda sem tradução para o português); e *Serenidade*, de 1955 (onde todavia Heidegger não faz menção literal ao termo).

As indicações assim reunidas serão, num segundo momento, aplicadas a fenômenos diversos, sobretudo muito recentes, visando a extrapolar em cronologia e diversidade as ilustrativas análises feitas por Heidegger – por exemplo, da produção de carvão e de petróleo, da hidroeletricidade e da energia atômica. Além de uma conjectura mais geral sobre o ciberespaço, duas vezes muito recentes, ligadas respectivamente à nanotecnologia e à neurociência, serão mais pontualmente evocadas para forçar uma

antevisão do que se ergue no horizonte da técnica contemporânea e assim chamar atenção para a monta da tarefa posta ao pensamento por vir. Trata-se, enfim, muito mais do que tentar desvendar o que Heidegger realmente quis nomear com a *Gestell*, de seguir sua trilha e confrontá-la com as novas faces do mundo técnico.

## 2. Faces da *Gestell*

A *primeira indicação* sobre a essência da técnica moderna concerne à *insuficiência da sua determinação antropológica e instrumental*. Embora “correta”, ela não seria “verdadeira” – em sentido heideggeriano – por não trazer à luz nada de mais essencial acerca do atual modo de ser dos entes. Essa determinação tenderia, em sua correção, inclusive a velar a questão, a ajudar a perdê-la de vista por convidar-nos a pensar o homem como um ente autônomo a manusear objetos técnicos, senhor de uma técnica neutra que, vez por outra, por má fé ou incompetência, lhe escapa ao controle.

Heidegger opõe-se a essa leitura alegando que, sem perceber, o homem se encontra em grande medida ele próprio *tecnicamente* determinado em seu ser, perpetuamente convocado a aperfeiçoar-se tecnicamente. Pensa a técnica atual – a contrapelo da tendência de enxergá-la como instrumento em progressiva sofisticação –, como modo historicamente condicionante do devir de todos os entes, inclusive os humanos, em suma, como forma hegemônica do Ser na atualidade. Pretende, em suma, chamar atenção para a importância de não ignorá-la em seus desígnios e assim pôr em questão o mistério da sua estranha dominância.

Uma *segunda indicação*, ainda ligada à determinação antropológico-instrumental da técnica, concerne à *negação da tendência hegemônica de pensar a técnica atual como mero desenvolvimento da antiga*. Valendo-se de uma interpretação da noção de instrumentalidade à luz das 4 causas aristotélicas, Heidegger aponta em *A questão da técnica* para a prevalência restritiva da chamada *causa eficiente* (originalmente ligada à “origem da mudança”) como forma presente de compreender a *aitia* grega. Resgata em seguida o pertencimento das 4 causas aristotélicas, em sua unidade, à dimensão da *alétheia*, da verdade como desvelamento do Ser. Vai além em sua hermenêutica: a unidade original das causas estaria ligada a uma espécie de acumplicimento

(*Verschulden*) ontológico, responsável pelo vir-a-ser dos entes em geral. À luz desse acumpliciamento poderiam ser pensados tanto o devir autônomo da *physis*, quanto aquele em que tomava parte o homem grego, a *póiesis*.

A técnica, por conseguinte, no sentido grego de *techne*, traduziria uma espécie de conhecimento (*episteme*) de linhas de possível cumplicidade ontológica, conhecimento que permitiria ao homem trazer-para-diante-de-si (*her-vor-bringen*, em alemão, *produzir* em português) algo que não ocorreria sem sua participação.

Nesse sentido, o (re)conhecimento das relações de ancestral cumplicidade entre a luz, a terra, a água, o tempo, as formas de vida vegetais e animais, permitiria ao lavrador definir o momento de semear, também a profundidade adequada à semente, também o melhor modo de cobri-la e de protegê-la dos animais. Seu conhecimento, na medida em que se elevasse a uma *techne*, lhe permitiria melhor vislumbrar e acumpliciar-se às linhas de favorecimento determinantes do *kairós*, do tempo oportuno, da oportunidade e do modo melhor para a sementeira, sem, sobretudo, perturbar a teia original de cumplicidades na qual ele, homem, lavrador e lavra, querendo ou não, se encontram inseridos.

Só que a técnica moderna, assinala Heidegger, *não é póiesis* em sua essência. Não denota nenhum conhecimento mais dócil ou reverente das cumplicidades maravilhosa ou sublimemente equilibradas em sua ancestralidade natural. Não se trata mais, no arcabouço histórico dominante da técnica moderna, de trazer algo à presença a partir de nenhum conhecimento admirado, de nenhum manuseio cúmplice, mas de *exigir*, de *impor*, de *obrigar* as potências do Ser a atualizarem-se, a fazerem-se disponíveis, unilateral e subservientemente, sem esperas enfadonhas ou incertezas indesejáveis. O verbo para a produção técnica atual é, por conseguinte, segundo Heidegger, *her-ausfordern*, não *her-vor-bringen*, e tem o tom da extração forçada, do projeto de dominação, do desafio, do avassalamento. Por isso podemos hoje dizer de alguém muito competente em suas realizações, com muita licença, que “domina técnicas”.

Mas, há ainda outras indicações importantes nos textos de Heidegger acima citados. A *terceira* delas concerne mais diretamente à síntese evocada pelo nome *Gestell*. Trata-se de *um projeto de disposição conjunta e ordenada dos diversos entes* em escaninhos,

prateleiras, gavetas, compartimentos, arquivos ou arranjos de quaisquer naturezas, de modo a serem localizados e sacados tão segura e imediatamente quanto possível.

A palavra *Gestell*, esclarece Heidegger ainda em *A questão da técnica*, tem correntemente as acepções de estante de livros e de esqueleto. Refere-se a algo que sustenta e disponibiliza, que garante e facilita o acesso. Por essa acepção da palavra *Gestell* respondem as traduções por “armação” e “enquadramento”, em certa medida também a cooptação da tradução francesa *arraisonement*, arazoamento, que conota o ato de ordenar, dispor ordenadamente. Em direção semelhante aponta o esclarecimento dado por Heidegger a partir da partícula “Ge”, que, analogamente à *junção* de montanhas que perfaz uma cordilheira (*Gebirge*), faria da *Gestell* um conjunto de posicionamentos, uma *composição*,<sup>3</sup> um conjunto em que os elementos estariam reunidos visando ao acesso fácil.

Heidegger enxerga ainda na *Gestell* uma espécie de obsessão pela estocagem (*Bestand*), devotada à acomodação de todos os entes num gigantesco armazém ou almoxarifado, pronto a atender aos comandos (*Bestellungen*) de uma clientela supostamente humana, não esquecendo o fato, já sinalizado, de que nesse armazém há também, e mesmo principalmente, estoques de homens. Heidegger é particularmente claro na conferência de Bremen: “O homem é ao seu próprio modo peça de estoque, no sentido forte dos termos ‘estoque’ e ‘peça’.” (Heidegger 2005, p.37)

Assim sendo, acompanha essa alegoria a pergunta pelos almoxarifes encarregados de manter o armazém organizado e de atender tão prontamente quanto possível às encomendas. É tentador pensar esses almoxarifes, fazendo analogia novamente com Platão, como entes semelhantes àqueles que, na caverna da *República*, ocultos detrás do muro erguido na encosta, garantem que as sombras sejam produzidas de forma a manter os prisioneiros entretidos e dóceis ao acorrentamento. A comparação é quase inteiramente pertinente, a menos que, na *alegoria do armazém*, parece haver um intercâmbio maior de posições, como se milhares de formigas, mesmo sem necessária revogação de privilégios e hierarquias, carregassem incessantemente coisas de um escaninho para outro, entregando e recebendo, levando e trazendo, exibindo-se e vigiando, deixando-se controlar e controlando, a quase tudo e a quase todos, adestrando-

---

<sup>3</sup> Tradução proposta por Emmanuel Carneiro Leão.

se, enfim, para as competências necessárias à orgulhosa expansão da velocidade operacional, tudo funcionando cada vez mais eficiente e rapidamente para que, afinal... tudo funcione cada vez mais rápida e eficientemente.

Essa terceira sinalização, já indicativa da busca por dinâmicas cada vez mais eficientes de armazenamento, percebe-se que leva a uma *quarta pista*, que concerne à possibilidade de pensar a *Gestell* como *Gerät*, dispositivo, aparelho, equipamento, mecanismo; não só isso, que tem a ver com o *caráter obsessivamente dinâmico do armazém* e, assim, com o processo de interação entre os seus diversos compartimentos, conteúdos e forças motrizes, com peças e fluxos articulados com vistas a um funcionamento ininterrupto, não apenas perpétuo, mas cada vez mais rápido e eficiente.

Heidegger ilustra esse movimento nas suas famosas cadeias: “a energia oculta na natureza é descortinada, o que dela se extrai é transformado, o transformado armazenado, o armazenado de novo distribuído, o distribuído mais uma vez convertido. Extrair, transformar, armazenar, distribuir, converter são todos modos de desvelamento” (Heidegger, 1954, p.24), formas de vir-a-ser.

Dá-se, decerto, a tentação de equiparar esse ciclo da técnica contemporânea ao “ciclo sem fim” da natureza: aliás, por que não uma “segunda natureza”, por nós regulada? Um dos problemas que fica impensado nessa equiparação – ou suposto *upgrade* – é, todavia, a obsessão pelo aumento da velocidade, pela aceleração, sem falar do esquecimento, ou mesmo do desprezo profundo pelos ciclos naturais em suas temporalidades lentamente cristalizadas e estabilizadas. Heidegger diz, novamente na conferência de Bremen, que já no início da dominação técnica moderna a natureza é assegurada como “estoque fundamental” (*Grund-Bestand* – Heidegger, 2005, p.43). Insólito mesmo é que esse imperativo da aceleração e da eficiência acabe se tornando fim em si mesmo e deixando para trás questões singelas como: – Por que mesmo há de ser melhor um mundo mais rápido? – Será de fato superior à *physis* o novo *nomos* por vir, isto é, a hipernomia tecnológica que pretende substituí-la? – Em que sentido? – Que velocidade queremos afinal atingir? Indaguemos, por fim, com toda a possível gravidade: – Podemos suportar uma aceleração indefinida de nossas existências, sem qualquer limite de esgarçamento à vista?

A conclusão desta primeira parte do trabalho deve por tudo isso retomar a muito citada alusão de Heidegger a Hölderlin: “Mas aí onde está o perigo, cresce também aquilo que salva” (Heidegger, 1954, p.43). Não custa lembrar, o pensador assim se vale do poeta – ainda que num tom algo dialético – apenas para falar de esperança, de possibilidades ainda abertas, não exatamente de salvação em sentido teleológico.

### 3. A atualidade da *Gestell*

Heidegger faleceu em 1976. Viveu o suficiente para fazer alusões à cibernética, à genética, à conquista do espaço e à era atômica: em suma, ao que havia de mais radical na época. Disse em 1955, no opúsculo *Serenidade*:

“Aquilo que conhecemos hoje como tecnologia cinematográfica e televisiva, tecnologia do transporte, especialmente aéreo, tecnologia da informação, da medicina e da alimentação, tudo isso apresenta-se, presumivelmente, apenas num estágio ainda inicial. Ninguém pode saber das mudanças radicais por vir. A menos que o desenvolvimento técnico será cada vez mais rápido, sem retardo em parte alguma.” (HEIDEGGER, 1977, p.19)

Tomara Heidegger estivesse vivo para conhecer a disseminação ou a popularização da cibernética, que efetivamente começaram com a invenção do formidável e cartesiano *mouse* e desembocaram na figura dos chamados “sistemas operacionais” do tipo Windows, Macintosh ou Linux, todos guiados pela mesma lógica. O que aí temos não é senão a *face disponibilizante da Gestell*, num aperfeiçoamento multidimensional ainda insuficientemente pensado em sua singela nomeação como “virtual”. São, no fim, janelas dentro de janelas, escaninhos armazenados dentro de escaninhos, potencialmente acessíveis a toques de botões – não mais acionamento de alavancas<sup>4</sup> –, botões que de tão etéreos precisam simular aveludados clicks; botões que dão acesso a cardápios de botões, a janelas com botões, via de regra a programas inteiros, a ambientes inteiros, a mundos inteiros, instantaneamente, com precisão atômica, perfazendo o epítome da *Gestell*, com sua infinidade de estoques agilmente disponibilizados.

Toda essa instantaneidade, é claro, nutre-se de comandos incrivelmente rápidos, mega rápidos, sustentados por processadores sempre mais velozes, que operam em *gigahertz* ou quaisquer unidades sublimes que se lhes equivalham, contando com canais de

---

<sup>4</sup> Cf. *Was heißt Denken?*, HEIDEGGER, 1997, p.53 et seq.

escoamento sempre mais largos, com interfaces sempre mais inteligentes, com mais e mais disponibilidade de memórias dinâmicas capazes de alocar e gerenciar o tráfego no armazém para que nenhuns dados se percam ou mesmo se demorem, ocasionando esperas que, afinal, dizem os mais jovens, “ninguém merece”. Certo é que dessa gávea avista-se com notável clareza a *face frenética da Gestell*.

Mais importante ainda é registrar que a referida multidimensionalidade não se restringe hoje mais a máquinas separadas, com suas vidas interiores impressionantes. Veio o ciberespaço dar capilaridade a novas e inclusivas interações entre os almoxarifes em suas diversificadas tarefas. Basta pensar nos sistemas de busca do tipo Google, Ask, Bing ou Yahoo, ou nas redes sociais, como Facebook ou Twitter, com sua infinidade de links, de fluxos que alimentam e se alimentam de fluxos, nos quais se envolvem constelações de seres humanos em busca de informação, de trabalho, de diversão, de reconhecimento, de identidade, de sobrevivência.

O armazém cibernético, como bem enxergou Heidegger, não se deixa pensar a partir de uma mera instrumentalidade comandada por homens soberanos, ou seja, a partir de uma *determinação antropológico-instrumental da técnica*. Até porque essa rede já define através de seus algoritmos o que “existe” e o que “não existe”, por exemplo, com bem humoradamente afirmam algumas comunidades do até outro dia pujante Orkut: “Não tem no Google, não existe.”<sup>5</sup> Bem sabem aqueles cujos negócios dependem desses mecanismos de busca, sequer trata-se de não estar no Google para não “existir”: basta não figurar nas primeiras páginas de resultados.<sup>6</sup>

Tampouco é necessário aqui determo-nos em realizações cambiantes, sempre mais incríveis em sua velocidade e genialidade, do tipo Youtube, Google Street ou Sky View, para mostrar que *o ciberespaço não está confinado ao ciberespaço*, ou seja, que a alegoria do armazém, assim como a da caverna, está ao mesmo tempo em toda parte e em nenhum lugar; ou seja, para mostrar que a *Gestell*, como *modo atual de ser dos entes em sua totalidade*, convoca-nos a pensar, sobretudo, nos novos tempos e espaços em vigor na pátria dos estoques, tempos e espaços que nos tornam simultaneamente cosmopolitas e privados de pátria, como sinalizou Heidegger em nota à conferência de

---

<sup>5</sup> Cf. <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1011776>, ou <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=44444444>, últimos acessos em 15/4/2013.

<sup>6</sup> Cf. LYRA, 2010: *O Google é meu pastor, nada me faltará*.

Bremen, ao falar exclamativamente de uma *Heimatlose des Bestandes!* (Heidegger, 2005, p.27), algo como uma terra-de-ninguém das encomendas e dos estoques.

Programadores e usuários, por exemplo, iniciantes e avançados, veem-se todos envolvidos com softwares e hardwares e, muitas vezes sem o saber, com equipes instaladoras de cabos de fibra ótica no fundo dos oceanos e com lançamentos de satélites de comunicação, decerto com *main backbones* e *data centers*, com empresas de gerenciamento de domínios virtuais e com políticas públicas empenhadas em combater a exclusão digital. Fato é que provocam-se todos, mútua e perpetuamente, para aperfeiçoar-se nas técnicas as mais diversas, geralmente ávidos por novidades, por novas interfaces, por novas interatividades, novas convergências, novas praticidades, novos *tags* acadêmicos e empresariais, todos salvo-condutos para buscas ainda mais sofisticadas, num verdadeiro e formidável mutirão por um mundo novo, com mais escaninhos ou janelas, com mais *gadgets* e *tablets*, sempre mais veloz e econômico, com mais acessibilidade e portabilidade, mundo onde tudo e todos possam ser localizáveis global e instantaneamente,<sup>7</sup> a toque de botão, disponíveis *full-time*.

Hackers e crackers – por tais nomes conhecidos no armazém – também podem e devem ser pensados a partir do suporte oferecido pela noção de *Gestell*. As intenções podem ser diversas e muitas vezes difusas, como a de cobrar transparência, democracia e abertura dos códigos-fonte que viabilizam “a rede”, quem sabe apenas à procura de visibilidade e empregos bem remunerados, talvez apenas movidos por adrenalina destrutiva. Seja por que for, o fato é que suas ações já dão ensejo a reações de peso, por exemplo, a uma *International Strategy for Cyberspace*, publicada em maio de 2011 pela Casa Branca, com o subtítulo *Prosperity, Security and Openness in a Networked World*.

O que faz, todavia, com que a vereda dos hackers e mesmo a consideração de uma possível “ética hacker” aqui permaneçam “vicinais”, é a constatação de que não são isoladamente as tecnologias de informação que respondem pela radical mudança operada em nossa época. Dão-se entrelaçamentos variados, por exemplo com as nanotecnologias, com as biotecnologias e com as neurociências, com vistas a uma multiplicação ainda mais espantosa das possibilidades do almoxarifado de mil sóis – sustentáveis ou fadadas ao colapso é o que ainda fica em suspenso.

---

<sup>7</sup> Cf. GPS – *Global Positioning System*.

Assim, sem perder de vista que o objetivo deste trabalho é o de proporcionar uma antevisão dessas miríficas possibilidades e, concomitantemente, da tarefa de um possível pensamento que as ponha em questão, lançamos mão de dois ilustrativos exercícios de futurologia, mesmo porque seria impossível cobrir o campo projetivo da *Gestell* em todos os seus entrelaçamentos ontológicos. O recurso aqui usado segue a trilha das alusões feitas por Heidegger a pronunciamentos públicos de vencedores de prêmio Nobel e cientistas de renome.<sup>8</sup>

\*

Eric Drexler (1955- ...) foi o primeiro PhD em nanotecnologia pelo MIT (1991). É sócio de uma empresa chamada *Nanorex*,<sup>9</sup> que procura captar recursos para desenvolvimento dessas novíssimas tecnologias. Tem afirmado em conferências, em especial na que pronunciou na PUC-Rio em 2007 e deu origem ao texto *Os Nanossistemas – possibilidades e limites para o planeta e para a sociedade*,<sup>10</sup> que o futuro do mundo depende de vontade política e que, havendo verbas para a nanotecnologia, os pequenos robôs, em prazo mais curto do que se pensa, nos levarão a uma importantíssima revolução tecnológica. Viabilizariam, afirmou, a produção de computadores “com capacidades mil vezes superiores” aos de hoje, “consumindo menos que 1/100.000 daquela energia, com cerca de um milionésimo do peso e uma fração minúscula do custo.” (Idem, p.47) Viabilizariam também a produção de energia limpa, o sequestro de carbono, a dessalinização econômica da água, a fertilização de terras exauridas, ainda curas com precisão atômica e sem efeitos colaterais. Enfim, seja por questões de honestidade intelectual, de realismo político, ou de colocar força persuasiva na necessidade imperativa desse desenvolvimento, Drexler aludiu também aos novos horizontes abertos para o *hardware militar*, já que a nanotecnologia “permitirá produzir, pelo custo de um míssil de hoje, um número enorme deles.” (Ibidem) Como seja, para além do aspecto estratégico-militar, alertou que, assim como nas revoluções anteriores, aqueles que não aderirem estarão condenados à pobreza e à perda da soberania, da mesma forma que na chamada revolução industrial “a poderosa e rica civilização chinesa viu-se prostrada e humilhada, recuperando-se somente agora.” (Idem, p.52)

---

<sup>8</sup> Cf. p. ex. *Serenidade*, HEIDEGGER, 1977, p.17 e p.20.

<sup>9</sup> Cf. <http://nanoengineer-1.com/content/>.

<sup>10</sup> IN NEUTZLING e ANDRADE, 2009, p.41-55.

Presente à referida conferência, perguntei a Eric Drexler como se posicionava em relação aos perigos inerentes a essas novas tecnologias, aludindo sem maiores delongas a possíveis perdas de controle dos nanorobôs ou a “terrorismos nanotecnológicos”. Sua resposta, em tom ao mesmo tempo irônico e amigável, foi a de que essas possibilidades são de fato preocupantes, cabendo a filósofos e políticos encontrar tempestivas mediações e restrições que assegurem o bom uso dessas novas ferramentas. O que não é *decerto* possível, pontuou, é ignorar esse potencial.

Impressiona de pronto a *face dinâmica da Gestell*: não é possível não desenvolver, não aprimorar, não acelerar. É preciso que todos os almosarifes entendam claramente esse novo *nomos*, pois quem não o fizer ficará para trás, pobre e impotente. Não só isso, o tom é o de que o mundo *precisa* desse desenvolvimento para resolver seus urgentes problemas.

Igual atenção chama o *paradigma antropológico-instrumental da técnica* presente no discurso, bem como a absoluta confiança no homem como mestre de ferramentas cada vez mais incríveis, que, não obstante sua desconcertante sofisticação, são percebidas numa *linha de continuidade com as técnicas antigas*. O problema, mais uma vez, é simplesmente o de sermos capazes – ou não – de controlar ética, política e eficientemente nossas ferramentas.

Cabe por fim assinalar que em todos os desenvolvimentos sinalizados pelo conferencista encontrava-se a ideia de *precisão atômica (atomic precision)*, repetida à exaustão com especial sonoridade, dando testemunho do flerte tecnológico com o aprimoramento da estocagem e do controle, em tese, de *capacidades de acesso e disponibilização cada vez mais seletiva e precisa de todos os entes*.

\*

Uma última e não menos impressionante ilustração dos horizontes de desenvolvimento técnico vem de projeções feitas pelo neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis (1991-...) em seu recente livro de divulgação intitulado *Muito além do nosso eu*.<sup>11</sup> Nicolelis trabalha entre o Brasil e os EUA, respondendo pelo centro de neurociência da Duke University. Anunciou há pouquíssimo tempo, junto com outros cientistas na prestigiosa

---

<sup>11</sup> NICOLELIS 2011. Título original: *Beyond Boundaries: the new neurosciences of connecting brains with machines, and how it will change our lives*.

revista científica *Nature*, a consumação, em um primata, da primeira interface binária cérebro-máquina.<sup>12</sup> Nicolelis chama incisiva atenção para as promessas impressionantes das neurotecnociências no campo médico, por exemplo, de fabricação de exoesqueletos diretamente operados por impulsos cerebrais. *Precisamos* disso: é o recado. Só que as projeções vão muito além:

“Nesse mundo novo, centrado apenas no poder dos relâmpagos cerebrais, nossas habilidades motoras, perceptuais e cognitivas se estenderão ao ponto em que pensamentos humanos poderão ser traduzidos eficiente e acuradamente em comandos motores capazes de controlar tanto a precisa operação de uma nanoferramenta como manobras complexas de um sofisticado robô industrial. Nesse futuro, sentado na varanda de sua casa de praia, de frente para seu oceano favorito, você um dia poderá conversar com uma multidão, fisicamente localizada em qualquer parte do planeta, por meio de uma nova versão da internet (a “brainet”), sem a necessidade de digitar ou pronunciar uma única palavra. Nenhuma contração muscular envolvida. Somente através de seu pensamento.” (NICOLELIS, 2011, p.25).

O brilhante neurocientista continua:

“Se esse exemplo não é suficientemente sedutor, imagine se você de repente pudesse experimentar toda a gama de sensações despertadas por um simples toque na superfície arenosa de um outro planeta, milhões e milhões de quilômetros distante daqui, sem ao menos sair de sua sala de estar. Ou, ainda melhor, como você se sentiria caso lhe fosse dado acesso a um banco de memórias de seus ancestrais remotos, de modo que pudesse, num mero instante, recuperar os pensamentos, emoções e recordações de cada um desses seus entes queridos, criando assim, por meio de impressões e sensações vividas, um encontro de gerações que jamais seria possível de outra forma? Exemplos como esses oferecem apenas uma pequena amostra do que será viver num mundo além das fronteiras do nosso eu, um mundo onde o cérebro humano se libertará, enfim, de sua sentença de prisão de milhões de anos, cumprida desde tempos imemoriais, numa cela orgânica construtiva e limitada, vulgarmente conhecida como corpo.” (Idem, p.25-26)

É mesmo difícil dimensionar o que se anuncia nas projeções tecnológicas ora descritas. Que diria, por exemplo, Aristóteles diante dessa *artificialização* quase absoluta da plástica do ser, por ele timidamente posta em questão com seu par ato-potência? E nós, contemporâneos de todas essas projeções, que pensarmos da radical revogação de

---

<sup>12</sup> Cf. O'DOHERTY, LEBEDEV, IFFT, ZHUANG, SHOKUR, BLEULER & NICOLELIS 2011: *Active tactile exploration using a brain-machine-brain interface*.

fronteiras entre o natural e o artificial que as acompanha? Não fosse a tal “sedução” de que fala o neurocientista, seria razoável esperar que ganhasse centralidade a questão do *nomos* capaz de dar consistência ou estabilidade a esse novo estado de coisas; se é – bem entendido – que a questão ainda pode ser formulada nesses termos.

Seja como for, atualiza-se de modo particularmente incisivo a suspeita de Heidegger, expressa em Bremen, de que a natureza pudesse não ser capaz de impor nenhum real limite à expansão do armazém em seu flerte com encomendas cada vez mais formidáveis. (cf. HEIDEGGER, 2005, p.40-44)

A precariedade da nomeação da essência da técnica moderna como *Gestell*, assumida pelo próprio Heidegger, mostra-se, afinal, em toda a sua ambivalência, ao mesmo tempo insuficiente e necessária ao pensamento contemporâneo. Nela insistir sugere, no mínimo, enfrentar as reconsiderações das noções de “proximidade e distância” com que Heidegger abre a conferência *Das Ge-stell*; ou, talvez, repensar o caráter “titânico” (*Großmächtiges*) da palavra *topos*,<sup>13</sup> noção grega agora instada a acomodar tamanhos entrelaçamentos, tamanhas torções, tamanhos deslocamentos e sincronicidades.

#### 4. Conclusão

O horizonte de desenvolvimento técnico aqui desenhado sinaliza decerto com uma transformação radical em nossos parâmetros de realidade e de humanidade. Heidegger definiu em 1955:

“Todavia, o propriamente estranho nisto tudo não é que o mundo esteja caminhando para um integral atravessamento técnico. Muito mais estranho é o fato do homem não estar preparado para essa transformação, de ainda não sermos capazes de, por meio do pensamento meditativo, alçarmo-nos a uma adequada confrontação com o que nesta época propriamente surge no horizonte.” (HEIDEGGER, 1977, p.20)

É verdade que no cenário ora esboçado não há grandes espaços para interrogações meditativas sobre o sentido do atual desenvolvimento técnico; constata-se, no máximo, a preocupação com a *sustentabilidade* da extração dos insumos, com a manutenção dos

---

<sup>13</sup> Cf. a epígrafe aristotélica a *Die Kunst und der Raum*, de 1969. IN HEIDEGGER 1983, p.203.

fluxos e dos estoques, de modo a garantir às gerações vindouras a possibilidade de continuar se desenvolvendo.<sup>14</sup>

O termo *Gestell* oferece-se nesse deserto interrogativo, em resumo, como janela estranha e indesejável, por sugerir que o homem não está no controle do desenvolvimento técnico, que as técnicas atuais não são meras sofisticações das antigas, que a abrangência e perfil impositivo do atual projeto são tributários de um esquecimento sem precedentes do mesmo Ser que o abriga como possibilidade e destino. Tal nomeação ameaça os almoxarifes com ainda outras inconvenientes lembranças, convidando-nos a refletir sobre a estocagem e a disponibilização como fins em si mesmos, sobre um armazém sem paredes palpáveis, continuamente mais acelerado em seu funcionamento, a ponto de já nele produzirem-se e comercializarem-se lubrificantes psíquicos em quantidades torrenciais.

Há decerto quem sugira estar a *Gestell* heideggeriana ultrapassada em suas possibilidades de leitura do mundo técnico, interpretação a que tentei aqui abertamente me opor, simultaneamente enfatizando as precariedades e ilustrando as potencialidades meditativas abertas pela noção.

Ficam por ora algumas perguntas já esboçadas ao longo do texto: – Por que, afinal, há de ser melhor um mundo mais rápido? – Com que “velocidade existencial” nos contentaríamos? – Podemos suportar uma aceleração indefinida de nossas existências, sem qualquer limite de esgarçamento à vista? – Ou será que podemos tranquilizar-nos quando à possibilidade de apenas multiplicar “nossos poderes”, certos de “podermos administrar” a velocidade e direção do seu uso? Em outras palavras: – Será mesmo certo o advento de uma “hipernomia” tecnológica capaz de dar sustentação a uma nova e “mais humana” natureza? E, nesse caso: – Seríamos de fato mais livres e felizes, contabilizando apenas ganhos, sem perdas mais essenciais? Nada de mais importante se perderia nessa sublime transformação? Derradeira e não menos inquietante lembrança: as possíveis respostas ou réplicas a essa pletora de perguntas devem ser elaboradas em linguagem capaz de fazer-se ouvir no corre-corre do armazém.

---

<sup>14</sup> Cf. LYRA, 2013: *Heidegger e a sustentabilidade*. Cf. também o conhecido “Relatório Brundtland”, CMMAD, 1991, p.9.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CMMAD (Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento): *Nosso Futuro Comum*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1991.
- HEIDEGGER, Martin: Die Frage nach der Technik, in *Vorträge und Aufsätze*. Pfullingen, Neske, 1954. Traduções brasileiras por Emanuel Carneiro Leão, A questão da técnica, in *Ensaio e Conferências*. Petrópolis, Vozes, 2002; e por Marco Aurélio Werle, in *Scientiae Studia*, vol.5, n.3, 2007, p.375-398.
- \_\_\_\_\_: *Über den Humanismus*, Vittorio Klostermann, Frankfurt am Main, 1956.
- \_\_\_\_\_: *Gelassenheit*. Pfullingen, Neske, 1977.
- \_\_\_\_\_: *Aus Erfahrung des Denkens (1910-1976)*. Frankfurt am Main, Klostermann (GA 13), 1983.
- \_\_\_\_\_: *Was heißt Denken?*. Tübingen, Max Niemeyer, 1997.
- \_\_\_\_\_: *Bremer und Freiburger Vorträge*. Frankfurt am Main, Klostermann (GA79), 2005.
- LYRA, Edgar: “O Google é meu pastor, nada me faltará.” E agora? – conversas privadas sobre assuntos públicos, 8/11/2010.
- <http://www.revistaagora.com/2010/11/o-google-e-meu-pastor-e-nada-me-faltara.html>
- \_\_\_\_\_: Heidegger e a sustentabilidade. *Ekstasis*, vol.1, n.2, 2013, p.148-162. <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/4601/3817>
- NEUTZLING, Inácio e ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro (orgs): *Uma sociedade pós-humana*. São Leopoldo, Editora Unisinos, 2009.
- NICOLELIS, Miguel: *Muito além do nosso eu*. São Paulo, Cia. das Letras, 2011.
- O'DOHERTY, Joseph; LEBEDEV, Mikhail; IFFT, Peter; ZHUANG, Katie; SHOKUR, Solaiman; BLEULER, Hannes & NICOLELIS, Miguel: Active tactile exploration using a brain-machine-brain interface. *Nature* 479, 11/2011, p.228-231.
- THE WHITE HOUSE: *International strategy for cyberspace – prosperity, security and openness in a networked world*, maio de 2011. [http://www.whitehouse.gov/sites/default/files/rss\\_viewer/international\\_strategy\\_for\\_cyberspace.pdf](http://www.whitehouse.gov/sites/default/files/rss_viewer/international_strategy_for_cyberspace.pdf)

## DEBATES

(Prof. Carlos Drawin) Vamos retomar mais uma vez o nosso debate. Eu não sei se o que vou falar pode ser considerado como uma questão ou uma simples observação. A exposição do Prof. Edgar Lyra enfatizou a polissemia, a riqueza do termo Gestell e sua fecundidade hermenêutica mostrando a sua pertinência em relação aos desenvolvimentos recentes da tecnologia, sobretudo da biotecnologia, posteriores à morte de Heidegger. Desse modo reafirma a sua pertinência no sentido de desvelar a essência da técnica. A minha dúvida é a seguinte. O professor Casanova em sua exposição advertiu que frequentemente se invoca o nome de Heidegger como o pensador que anuncia um mundo pós-metafísico. Mas o pensamento heideggeriano não seria impotente para pensar criticamente essa época da técnica planetária? Em que sentido? Se o mundo metafísico é mundo de uma instauração e se a instauração do mundo, como nós discutimos ontem, supõe exatamente a cumplicidade do mundo e terra, então quando, no seu texto, você diz que a técnica não é poiesis, talvez seja porque se tenha rompido a cumplicidade entre mundo e terra. Essa ruptura significa que quando nós falamos do novo mundo da técnica planetarizada esse mundo tem algum tipo de instauração diferente. O que ocorre é uma espécie de perda de chão sinalizada pelo caráter de *Heimatlose* do ciberespaço. Assim, esse mundo da técnica enquanto *Heimatlose* não é instaurado, ele é um mundo sem referências que se multiplica indefinidamente com uma quantidade imensa de possibilidades. Mas numa passagem no seu texto, ao se referir à conferência de Eric Drexler, ele afirma que não é possível ignorar o imenso potencial da técnica. Ou seja, é impossível não aceitar as infinitas possibilidades da terra. Eis aí o paradoxo. Impossível significa que nós temos que aceitar o potencial ilimitado da técnica, porque isso está na lógica da própria terra. Nesse caso, seria impossível não aceitar o que mostraria o profundo obscurecimento do ser em que nos encontramos. Aqui talvez ao invés do abandono da metafísica tão facilmente identificada com o agressivo antropocentrismo da modernidade, deveríamos reivindicar a metafísica por ainda falar da verdade do ente e que permite trazer elementos para pensar essa época da terra. A pretensão pós-moderna enquanto se coloca numa posição de superioridade pós-metafísica não seria intrinsecamente incapaz de pensar criticamente essa época da técnica? O que você acha disso? Além disso, eu gostaria de observar que a negação da terra é também a negação do corpo. A citação do

neurocientista em seu texto atesta essa negação do corpo. Acho que nós não vivemos numa época da exaltação do corpo ou talvez apenas de uma exaltação imaginária. Nós vivemos, na verdade, numa época da negação do corpo, pois o corpo é a marca da finitude e da inviabilidade de uma civilização que julga impossível não explorar todas infinitas possibilidades da técnica. Não sei se formulei uma pergunta ou se são apenas algumas considerações.

**(Prof. Edgar Lyra)** Bom, primeiro eu queria dizer que concordo... acho que com tudo o que você disse. Eu teria que repensar um pouco melhor na tua última ponderação a respeito do corpo, mas, deixando essa de lado, acho que concordo com tudo, e me aterei à questão da metafísica, que já foi trazida por Casanova. Enfim... tem alguns autores que pensam três Heideggers. Schürmann é um deles: Reinier Schürmann, da *New School of Social Research*. A ideia básica é que você teria um Heidegger da ontologia fundamental; você teria um segundo Heidegger; e você teria um terceiro Heidegger, que seria o Heidegger da *topologia do Ser*. O que seria essa topologia do Ser, tendo a entender que seria uma espécie de reconciliação do Heidegger com a metafísica. Acho que “reconciliação” é uma palavra forte, porque acho que nunca houve de fato um divórcio. Mesmo a ideia de *destruição* e a apropriação que ele faz dos pensadores da tradição até a década de 50 seriam passíveis de a gente refletir sobre elas. Mas, me parece que esse Heidegger de um outro início, quer dizer, de um outro início que toma consciência do primeiro início, lida necessariamente com um pensamento que tem que olhar para essa tradição. E aí eu gosto muito de uma epígrafe que ele escolhe para o texto *A doutrina – ou ensinamento – de Platão sobre a verdade*, que diz o seguinte: a maior homenagem que se pode fazer a um pensador é ir com ele, ir junto com ele, acompanhá-lo, até aquilo que ficou não dito no que ele disse. O Casanova também tocou neste ponto. Me parece que há já no Heidegger das décadas de 40 e 50 esse tipo de movimento, quer dizer, esse movimento que se vale da metafísica, desse mundo ainda existente, do acervo filosófico da tradição... para tentar buscar alguma coisa de *terra ...*, para tentar... conquistar algum tipo de reflexividade, se a gente quiser, algum tipo de relação com esse *não dito*.... com isso que permanece por trás de todo dito, que pede para ser pensado, seja porque o viabiliza, seja pela sua dignidade intrínseca, enfim... Então, me parece que uma das formas de Heidegger se posicionar no fim da metafísica, no momento do advento da dominação técnica, é através desse diálogo com

a metafísica. Eu acho que o Casanova novamente tem razão quando diz que os textos dele que olham para os outros pensadores são de fato mais claros; acho que de fato são mais claros porque têm este chão sobre o qual se apoiar. O grande problema que coloco no final do meu texto é que Heidegger, enfim, não representa uma solução... Eu acabei de escrever um texto que, inclusive, publiquei pela editora da UERJ, chamado *Heidegger e a sustentabilidade*... Tenho tentado reiteradamente, tentado regularmente, mesmo na Rio +20 apresentei texto dessa ordem, mas [esses textos] são inaudíveis, inaudíveis... Então, a pergunta que eu faço é: qual é a linguagem? Que tipo de linguagem nós poderíamos usar. Procuo também ... sou profundamente simpático a citarmos Platão, Aristóteles, mas a gente tem que reinventar estas apropriações para que elas tenham um mínimo de audibilidade dentro deste furor, dessa velocidade, desse imediatismo. E aí a minha pergunta é: como? Tenho tateado...

**(Prof. Fernando Fragozo)** Realmente é um texto que dá o que pensar muito. Eu também compartilho das suas questões. O primeiro nível de questão que aparece é aquele para o qual Você chamou a atenção agora, da possibilidade de falar ou chamar a atenção para esse processo com pessoas que estão no processo e que a rigor não são cínicas. Eu acho que tem uma dimensão, neste processo, de cinismo, de poder, de retórica, da mídia em geral, de um modo planetário. Mas também há pessoas que estão neste processo sem propriamente um questionamento [do tipo] “o que é isso?”. Então eu acho que é possível atingir pessoas... A questão é como? Que linguagem? Concordo com Você, eu também tenho que tentar vários caminhos, tenho que tentar me aproximar das ciências mais duras, na UFRJ, Biofísicas e outras. Acho que seria essencial, até porque, concordo com Você, nenhum de nós é guru, pastor. A gente quer dialogar, dialogar com outros que também têm posições e algo pode ser feito desta maneira. Lógico que tem posições que a gente pode trazer para problematizar. Agente pode problematizar e assim se estabelece um diálogo. A primeira questão, eu concordo com Você, acho que tem aí um ponto fundamental. E propriamente a gente tem que tatear. O que passa também, me parece, de vez em quando, com a tecnologia. Então não é jogar fora o bebê com a água. E aí a minha questão é justamente esta. Em que medida a gente pensa esta questão da possibilitação quase infinita de possibilidades, não caíndo ainda nesta questão que passa um pouco sobre o que Casanova falou, nessa posição de crítica negativa em relação ao que *se* estabelece, mas na manutenção de algum valor diante das

possibilidades que se apresentam. Ou seja, as possibilidades, enquanto tais, podem contar com qualquer coisa. Tudo pode ser constituído. Mas então qual é o critério? Quer dizer: Quais são os critérios? Me parece que se pode pensar heideggerianamente no sentido ontológico da manutenção da abertura, do questionamento, do ser, etc. e tal. Mas há também outros critérios que poderiam ser ônticos, manutenção da vida, cura de doenças, enfim. Ou seja, eu queria chamar a atenção e colocar para Você, que haveria ao menos dois níveis aí. Um que nessa discussão é o essencial. Estamos lançados nessa velocidade, que é praticamente infinita. Ao mesmo tempo, há decisões ônticas que têm que ser tomadas. Os problemas são absolutamente simultâneos. Então como é que Você vê isto?

**(Prof. Edgar Lyra)** Então ... começando do *teu* começo, eu tenho andado às voltas com *retórica* atualmente: Aristóteles, sofistas, até essas novas retóricas da Escola de Bruxelas, Perelman, etc. E tenho descoberto coisas interessantes, que parecem óbvias, mas que para mim não eram, por exemplo, que você, para poder continuar uma conversa precisa fazer com que as pessoas se interessem pelo o que você está querendo dizer. Talvez eu entenda *nessa* sentido a tua sinalização. Será que a gente também não tem que colocar em cima da mesa algumas questões ônticas, em vez de única e exclusivamente se ater àquilo que teria se perdido num nível heideggerianamente essencial, e que é tão difícil dizer audivelmente? Eu concordo, acho que sim... O problema é: qual é o tipo de prêmio..., quer dizer, qual é o tipo de... iscas? Quais as propostas que, colocadas em cima da mesa, dariam ensejo ao diálogo? Eu já fiz provocações do tipo: e se nós conseguíssemos de fato lograr esta tão desejada sustentabilidade? Propus imaginar um mundo como o de Aldous Huxley, um admirável mundo novo, um mundo com paredes brancas, em que as pessoas já nascem para serem felizes como ypsilons, como alfas ou como gamas... O que é exatamente esse mundo sustentável que buscamos? Eu achava que produziria algum tipo de interesse, mas a ideia é que essa é uma questão que *não* se coloca. Nós temos muita urgência, nós precisamos encontrar fontes de energias renováveis, precisamos ter uma outra relação com o lixo, precisamos ter outra relação com a natureza em geral, sem que a gente ponha em questão a própria noção de *natureza*, porque a natureza continua sendo *estoque* para as gerações futuras. Não se consegue atravessar essa paliçada... E há muitos outros tipos de questões ônticas, por exemplo, ontem, o rapaz – cometo o pecado

de não saber o nome dele – disse: E o parlamento? E a cracolândia? Outro dia uma repórter de um jornal que não cito o nome, num desses surtos de violência, me ligou querendo um depoimento para uma matéria que iriam fazer e ela queria saber como se resolvia o problema da violência? Eu disse: não sei. E ela disse: então, posso colocar no meu jornal que o senhor fulano de tal, professor da instituição tal, *não sabe* como resolver o problema da violência? Aí me deu um lampejo e eu disse: olha, o problema é que as pessoas querem *resolver* o problema da violência, as pessoas não são capazes de perguntar por que há tanta delinquência, por que há tanta gente precisando ser encarcerada, o que está acontecendo com nosso projeto civilizacional que tem tanta gente precisando fazer o que está fazendo, da maneira como está fazendo, se mutilando da maneira que está se mutilando. Ela disse que estava muito bem e desligou o telefone. Aí saiu no jornal, eu tenho a matéria, inclusive, que dizia: segundo o professor fulano de tal, o grande problema é que nós não queremos pensar sobre as origens da violência. Só. O problema da corrupção... todos são problemas ônticos. Eu concordo inteiramente com você, e continuo me esforçando por isto. Te confesso que, sem desanimar, mas com pouco sucesso. Mesmo quando se tenta colocar as questões ônticas mais imediatas, mesmo quando se tenta deslocá-las de seus lugares comuns, encontrar uma outra tópica, um deslocamento tópico, eu tenho tido muitas dificuldades.